

Culturas Brasileiras

*Lá por trás daquela serra
Tem um pé de melancia,
A menina que eu gostava
Me abraçou como eu queria.

Moreninha, o seu desejo,
Não é o que pensas tu,
Pois eu te pedi um beijo
E vens me dar um beiju!

Nem tudo que ronca é porco
Nem tudo que berra é bode
Nem tudo que brilha é ouro
Nem tudo falar se pode.

Me negaste o teu carinho
É hoje eu vejo o resultado,
É melhor andar sozinho
Do que mal acompanhado.

* As folhas da bananeira
Mexem com o sopro do vento,
Estes teus olhos, menina,
Mexem com meu pensamento.

Eu coloquei o meu nome
No teu relógio querida!
Faça agora o que quiser
das horas da minha vida.

*O tatu tem unha dura,
Pra esfuracar o chão.
O amor também tem unha,
Pra arranhar o coração.

**A fogueira da vaidade
Vive acesa noite e dia,
Mas, da sua claridade,
Todos voltam de alma fria.

Desde o dia de tristeza,
Quando te deixei na cova,
Foi sepultada a beleza
Dos versos de minha trova.

Se saudade matasse
muita gente morreria,
e eu seria a primeira
que a saudade mataria.

Assim assado

Era uma vez um bicho esbranquiado. Se tomasse muito sol, ficava assim assado.

Era uma vez uma estranha cozinheira. Fazia biscoitos crocantes, com gosto de prateleira.

Era uma vez um time da pesada. Jogava futebol com bola quadrada.

Era uma vez um gato diferente. Comia refrigerante, tomava cachorro quente.

Era uma vez uma menina aventureira. Navegava no sofá e voava na banheira.

Era uma vez um espelho encantado. Quem usasse demais estragava o penteado.

Era uma vez uma velha coroca. Carregava o gato na bolsa, conversava com a minhoca.

Era uma vez um sapo cabeludo. Pra ver a namorada, punha roupa de veludo.

Era uma vez um médico aprendiz. Quando operava a paciente, aumentava-lhe o nariz.

Era uma vez um gato nanico. Pulou da janela, caiu no penico.

Era uma vez uma conversa fiada. Um dizia: "a chuva é seca!" o outro jurava: "a poeira é molhada!"

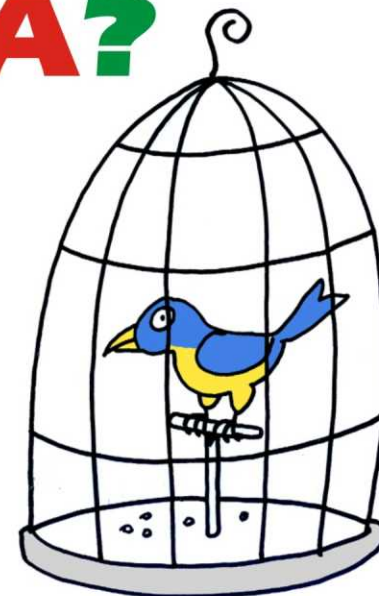
Era uma vez um faxineiro moderno. Lavava a calculadora, dava banho no caderno.

Era uma vez um homem pirado. Na falta de chapéu, usava telhado.

Era uma vez um amigo do meu vizinho. Seu nariz parecia aeroporto de passarinho.



VOCÊ TROCA?



VOCÊ TROCA UM GATO CONTENTE POR UM PATO COM DENTE?

VOCÊ TROCA UM CANGURU DE PIJAMA POR UM URUBU NA CAMA?

VOCÊ TROCA UM COELHO DE CHINELO POR UM JOELHO DE COGUMELO?

VOCÊ TROCA UM LEÃO SEM DENTE POR UM DRAGÃO OBEDIENTE?

VOCÊ TROCA UM RATINHO DE CAMISOLA POR UM PASSARINHO NA GAIOLA?

VOCÊ TROCA UMA TATURANA MOLHADA POR UMA BANANA DESCASCADA?

VOCÊ TROCA UM ESPIÃO COM PREGUIÇA POR UM LADRÃO DE SALSICHA?

VOCÊ TROCA UM TUTU DE FEIJÃO POR UM TATU DE CALÇÃO?

VOCÊ TROCA UM RATO ASSUSTADO POR UM GATO AMARRADO?

VOCÊ TROCA UM LOBINHO DELICADO POR UM CHAPEUZINHO MALVADO?

VOCÊ TROCA UM PINGUIM FANTASIADO POR UM PATINHO ALUCINADO?

VOCÊ TROCA UM MAMÃO BICHADO POR UM BICHÃO MIMADO?

VOCÊ TROCA UM GATO DE BOTA POR UM SAPO BOBOCA?

VOCÊ TROCA UM VARAL DE FEITICEIRA POR UM FINAL DE BRINCADEIRA?

FURNARI, Eva. **Você Troca?** 2 ed. São Paulo: Moderna, 2002 – (Coleção Girassol)

FURNARI, Eva. **Assim Assado** São Paulo: Uno Educação, 2008.

Os textos de Ricardo Azevedo foram extraídos de: AZEVEDO, Ricardo. **Você me chamou de feio, sou feio, mas sou dengoso!** São Paulo: Moderna, 2007.



Ano IX 2011



Projeto do Grupo Editorial Sinos, FEEVALE e FACCAT em parceria com as Secretarias Municipais de Educação, Escolas Estaduais, Particulares e Comunitárias, destinado a incentivar o gosto pela leitura.

ILUSTRAÇÕES: MÁRIO JUNGES - SINOVALDO PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO EMERSON BAPTISTA

TIRAGEM: 150.000 EXEMPLARES

Se você quiser saber mais sobre o Projeto Ler acesse: <http://lersaber-feevale.blogspot.com> ou <http://www.faccat.br> [clicar no banner Ler]

Coordenação e Contatos:

Juliana Strecker (Faccat) ☎ (51)3541.6600 R. 663 ✉ julianastrecker@faccat.br
Daniel Conte (Feevale) ☎ (51)3586.8800 R. 8685 ✉ ler@feevale.br
Liane Müller (Faccat) ☎ (51)3541.6600 R. 663 ✉ letras@faccat.br
Marinês Kunz (Feevale): ☎ (51)3586.8800 R.8685 ✉ ler@feevale.br
Miguel H. Schmitz (Grupo Sinos) ☎ (51)3594.0489 ✉ miguels@gruposinos.com.br

Parentes e amigos

Eu não tenho pai nem mãe
Não tenho irmã nem irmão
Não tenho tio nem tia
Avó e avô também não.
Nem primo eu tenho, nem prima
Não tenho nenhum parente
Nem padrinho, nem madrinha
Assim como muita gente.
Mesmo assim vivo contente
Amor eu nunca mendigo
Na vida não vou sozinho
E meu segredo eu já digo.
É que eu gosto das pessoas
Tenho sempre alguém comigo
Como sentir solidão
Quando se tem tanto amigo?

Ricardo Azevedo

Boiadeiro

Vai boiadeiro que a noite já vem
Guarda o teu gado e vai pra junto do teu bem
De manhazinha quando eu sigo pela estrada
Minha boiada pra invernada eu vou levar
São dez cabeça é muito pouco é quase nada
mas não tem outras mais bonitas no lugar

Vai boiadeiro que o dia já vem
Levo o teu gado e vai pensando no teu bem
De tardezinha quando eu venho pela estrada
A fiarada ta todinha a me esperar
São dez fiinho é muito pouco é quase nada mas
não tem outros mais bonitos no lugar

Vai boiadeiro que a tarde já vem
Leva o teu gado e vai pensando no teu bem
E quando eu chego na cancela da morada
Minha Rosinha vem correndo me abraçar
É pequenina é miudinha é quase nada mas não
tem outra mais bonita no lugar

Vai boiadeiro que a noite já vem
Guarda o teu gado e vai pra junto do teu bem

Luiz Gonzaga

Poema do milho

Quem tem milho tem farinha,
Tem canjica, tem curau,
Tem bolo, cuscuz, farofa,
Polenta, pudim, mingau.

Quem tem milho tem sorvete
Milho assado e mungunzá,
Tem angu, sopa, pipoca,
Pamonha, broa e fubá!

Ricardo Azevedo



A lenda do Milho

Há muitos anos havia uma grande tribo cujo chefe era um velho índio.

Era um índio muito bom e que estava sempre preocupado com a felicidade da sua tribo.

Um dia, sentindo-se muito cansado e doente, pressentindo que estava para morrer, chamou os seus filhos e disse-lhes que quando morresse o enterrassem no meio da oca. E disse-lhes mais:

- Três dias depois de me enterrarem, surgirá de minha cova uma planta bem viçosa que depois de algum tempo produzirá muitas sementes. Quando virem a planta crescer e as lindas espigas aparecerem, não as comam, guardem-nas.

Os dias se passaram, o velho índio morreu e os filhos fizeram tal qual o pai ordenara.

E como o velho índio dissera, surgiu de sua cova uma linda planta com belas espigas cheias de grãos dourados.

Os índios ficaram contentes, a tribo enriqueceu e passaram então a cultivar o milho com muito carinho. E assim surgiu o milho, diz a lenda.

Extraído de: <http://www.smec.salvador.ba.gov.br/net/piraja/lendas.html>

A Paca

Quem a paca cara compra, paca cara pagará.
Quem compra paca cara, pagará cara paca.

João sem braço

João sem braço é aquele que a gente pensa que vai ajudar, parece amigo, parece que está junto e a gente confia, mas na hora H não ajuda e, ainda por cima, finge não estar entendendo a necessidade da gente. – Você prometeu que ia me emprestar o dinheiro e agora fica aí dando uma de João sem braço! Outro exemplo: Ele jurou que ia quebrar o meu galho, mas, na hora, deu uma de João sem Braço!

Ricardo Azevedo



Uirapuru



Um jovem índio guerreiro
Amava a mulher do cacique.
Vivia um amor proibido,
Não há razão que explique.

Implorou ao deus Tupã
Que o transformasse em ave,
E assim se aproximaria
Da amada, de modo suave.

Tupã realizou o desejo
Do jovem em desatino,
E com um beijo dotou-o
Com um canto quase divino.

O pássaro cor de telha,
De penugem um tanto rala,
Quando emite o seu canto,
Toda a floresta se cala!

O cacique, encantado
Com sublime serenata,
Foi atrás do dono do canto,
Se perdendo pra sempre na mata.

O Uirapuru agora já pode
Expressar sua vontade,
Só dez minutos ao ano,
Mas que valem a eternidade.

Quando Tupã, mal humorado,
Deseja silêncio pra sesta,
Ordena que o pássaro cante
E silencia a floresta.

BAG, Mario. - **Papa-figo e outras lendas do Brasil.**
São Paulo: Paulinas, 2000

PEDRO, ANTÔNIO E JOÃO

Com a filha de João
Antônio ia se casar,
mas Pedro fugiu com a noiva
na hora de ir pro altar.

A fogueira está queimando,
o balão está subindo,
Antônio estava chorando
e Pedro estava fugindo.

E no fim dessa história,
ao apagar-se a fogueira,
João consolava Antônio,
que caiu na bebedeira



Trovinha para Santo Antônio



*Confessei-me a Santo Antônio,
confessei que estava amando.
Ele deu-me por penitência
que fosse continuando.*

Moças solteiras, desejosas de se casar, em várias regiões do Brasil, fazem simpatias a Santo Antônio. Para arrumar namorado ou marido, basta amarrar uma fita vermelha e outra branca no braço da imagem de Santo Antônio, fazendo a ele o pedido. Rezar um Pai-Nosso e uma Salve-Rainha. Pendurar a imagem de cabeça para baixo sob a cama. Ela só deve ser desvirada quando a pessoa alcançar o pedido.

Cuitelinho

Cheguei na beira do porto
Onde as onda se espaia
As garça dá meia volta
E senta na beira da praia
E o cuitelinho não gosta
Que o botão de rosa caia, ai, ai

Ai quando eu vim
da minha terra
Despedi da parentália
Eu entrei no Mato Grosso
Dei em terras paraguaias
Lá tinha revolução
Enfrentei fortes batáia, ai, ai

A tua saudade corta
Como aço de naváia
O coração fica aflito
Bate uma, a outra faia
E os óio se enche d'água
Que até a vista se atrapáia, ai...

Composição: Folclore recolhido por Paulo Vanzolini e Antônio Xandó

Morena Bonita

- Ó morena bonita!
Como é que se namora?
Põe o lencinho no bolso,
Deixa a pontinha de fora.

- Ó morena bonita,
Como é que se casa?
Põe o véu na cabeça,
Dá o fora de casa.

- Ó morena bonita,
Como é que se cozinha?
Põe a panela no fogo,
Vai conversar com a vizinha.

- Ó morena bonita,
Onde é que você mora?
Moro na Praia Formosa,
Digo adeus e vou embora.



Dar uma mão



Dar uma mão é ajudar alguém, fazer um favor a outra pessoa, auxiliar, socorrer, dar uma força, colaborar, estar junto, ser amigo na hora do vamos ver. Às vezes, falar uma coisa boa é dar uma mão. Eu estava desanimado. Você me deu uma mão. Outro exemplo: — Me dá uma mão aqui que eu não estou aguentando carregar este piano sozinho!

Ricardo Azevedo

Louco sentado no muro



Era noite escura. Um carro vinha passando na frente de um hospício. De repente, o pneu furou. Descendo do carro, o motorista abriu o porta-malas e pegou o pneu reserva. Depois, com o macaco, tirou o pneu furado e colocou os parafusos numa latinha. Quando colocava o pneu reserva na roda, passou um automóvel em alta velocidade atirando a latinha longe.

O sujeito ficou parado um tempão procurando os parafusos, mas não achou nada. Desanimado, sentou-se na calçada sem saber o que fazer. Sem os parafusos, como iria prender o pneu? O pior: uma garoinha fria e fina começava a cair.

Estava assim quando escutou um barulhinho.

- Psiu, moço.

Era um louco sentado no alto do muro do hospício. Vestia um pijama listrado, tinha uns óculos desenhados no rosto e um penico enterrado na cabeça.

- Furou o pneu aí?

O homem do carro não queria puxar conversa, mas, por educação, achou melhor responder:

- Furou, e o pior é que os parafusos sumiram.

O louco coçou a orelha com um espanador.

- Mas isso é muito simples!

- Lá vem besteira – pensou o homem.

- Primeiro – explicou o louco – o senhor tira um parafuso de cada pneu; depois prende o pneu novo com os três parafusos. Com um parafuso a menos em cada roda, dá para andar muito bem. Amanhã, logo cedo, o senhor procura uma loja, compra um jogo de parafusos novos e o assunto está resolvido.

O homem ficou admirado. A ideia era muito boa. Em pouco tempo, o carro estava pronto para continuar a viagem.

Antes de partir, agradecido, o homem do carro quis saber:

- Desculpe a pergunta, mas... você não é louco?

- Sou – respondeu o outro, picando uma nota de cinco reais com a tesoura.

- Como conseguiu ter uma ideia tão boa?

O louco sorriu:

- Sou louco, mas não sou burro!

Ricardo Azevedo

Trem de ferro

Manuel Bandeira

Café com pão
Café com pão
Café com pão

Virge Maria que foi isso maquinista?

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força
(trem de ferro, trem de ferro)

Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
Da ingazeira
Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!
Oô...
(café com pão é muito bom)

Quando me
prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá
Oô...
Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matar minha sede
Oô...
Vou mimbora vou
mimbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Oô...

Vou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente...
(trem de ferro, trem de ferro)



A lenda do Umbu

O Umbu é uma árvore grande e folhuda que cresce no pampa. Muitas vezes é solitária, erguendo-se única no descampado. E atrai os campeiros, os tropeiros, os carreteiros que fazem pouso sob sua proteção. O tronco do Umbu é muito grosso, as raízes fora da terra são grandes, mas ninguém usa a madeira da árvore – não serve para nada mesmo. É farelenta, quebradiça, parece feita de uma casca em cima da outra.

Porquê?

Pois não vê que quando Deus Nosso Senhor criou o mundo, ao fazer as árvores perguntava a cada uma delas o que queria

na terra. A laranjeira, o pessegueiro, a macieira, a pereira e assim por diante, quiseram frutos deliciosos. O pau-ferro, o angico, o ipê, o açoita-cavalo, a guajuvira pediram madeira forte.

- E tu, Umbu, queres também frutos doces e madeira forte?

- Nada, Senhor. – respondeu o Umbu. – Eu quero apenas folhas largas para as sesteadas dos gaúchos e uma madeira tão fraca que se quebre ao menor esforço.

- A sombra, Eu compreendo – disse o Senhor. –

Mas por que a madeira fraca?

- Porque eu não quero que algum dia façam dos meus braços a cruz para o martírio de um justo.

E Deus Nosso Senhor, que teve o filho crucificado, atendeu o pedido do Umbu.

FAGUNDES, Antônio A. **Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993

Ouvi batidas na porta,
Levantei fui ver quem era,
Olhei prá todos os lados
Avistei apenas quimeras.
O silêncio cochilava
E a minha alma tapera.

A frente da porta larga,
A estrada real estendida:
Brancura de nuvem baixa,
Calor de tarde comprida,
Secura de sede grande,
Emblema de canto e vida!

O amor leva à loucura
A saudade, ao destino,
O verso cobre lonjura,
A vida segue o destino,
O poeta ganha altura
Se permanece menino.

É triste matear solito,
Olhando o campo deserto.
A vastidão é um grito,
De todo cantor liberto.
Não sei porque me repito,
Tendo a saudade por perto!!!

ORTÁCIO, Nelson, **Canto de vida e mate**. Passo Fundo; Ed. Berthier, 1996

CANTO DE VIDA E MATE

Prece

A terra que eu carpo
Tem erva daninha
Devia ser minha
Por lei de família
E os sonhos que eu sonho
Também deveriam
Se a Pátria que eu amo
Fizesse a partilha
Dos tempos que andam,
Ficaram fazendas
Porém os que mandam
Só pensam em vendas

Jayme Caetano Braun

A terra de todos
Pertence a tão poucos
Talvez porque tantos
Deixaram que seja
Não há quem proteja
De abusos e agravos
E o canto dos bravos
Quer pátria pra todos
Distante dos lodos,
Saraus e conchavos

E o céu desta terra,
Será que venderam?
A herança mais bela
Da flor amarela
Da nossa fortuna
Se a própria laguna
Tem céus dentro dela
Sinuelo dos tauras,
Bandeira dos livres,
Eu sinto que vives
Flaneando nas almas
Aos incréus que dirigem
Inspira e acorda
Com a luz que recorda
O berço e a origem

Conversa mole para boi dormir



Conversa mole pra boi dormir é aquela conversa chata que não acaba mais, que dá sono e ninguém aguenta escutar. Ou então é quando uma pessoa está mentindo, querendo enganar, enrolar a gente, tentando ganhar tempo, dizendo coisas que a gente sabe que são só embromação. A Rosinha não quis dizer a verdade e veio com aquela conversa mole pra boi dormir. Ou então: o vendedor queria vender o produto de qualquer jeito e começou com aquela lengalenga, aquela conversa mole pra dormir.

Ricardo Azevedo

CONGRESSO NACIONAL DO MEDO

Luciane Raupp

A Cuca estava nervosíssima. Era preciso fazer alguma coisa. A data fatídica aproximava-se. Pensou, pensou. Pegou papel e carvão. Enviou o seguinte caldeirãoograma:

CONVOCAÇÃO

Reunião em Brasília, no Congresso Nacional, em 30 de outubro, meia noite.

Assunto: Halloween, perigo iminente. Maleficamente, Dona Cuca Rainha Suprema da AMACB

Do lado de lá do caldeirão, receberam o caldeirãoograma todos os associados da Associação Brasileira de Monstros Assustadores de Crianças do Brasil: a Mula-sem-cabeça, o Caipora, o Bicho Papão, o Velho do Saco, o Saci... No entanto, a correspondência demorou mais para chegar a alguns parentes – a Boiúna, o Cabeça de Cuia, o Cumacanga, o Mapinguari... Afinal, ir do Capoeirão dos Tucanos, onde mora a Cuca, até a Amazônia não é café com bolinho nem para caldeirãoogramas...

Na data e no horário marcados, todos estavam lá. A Cuca conclamou:

- Vamos abrir os trabalhos cantando nosso hino.

Nana, neném

Que a Cuca vai pegar

Papai foi na roça

Mamãe foi visitar.

Que bicho é aquele

Que está em cima do telhado...

A essa altura do hino, a

confusão sempre se armava em todas as assembleias da AMACB. Todos queriam ser o bicho que está em cima do telhado! A falação só parou quando a Cuca berrou:

- Isso é sério! Estamos na

desleal! – Gritou o Saci.

A discussão acirrou-se. Entre planos e mais planos, não notaram que alguém os observava, até que um *flash* mais forte chamou-lhes a atenção.

O Saci, sempre bem esperto, apontou para um cantinho da sala:

- Olha lá, atrás da cortina! Um repórter!

Os olhos da Cuca brilharam: era a grande oportunidade da AMACB.

O repórter foi até a Cuca sem ninguém precisar levar. O Bicho Papão tentava explicar:

- Estamos

aqui reunidos para achar uma saída para

nossos maiores problemas:

a concorrência com os monstros de Hollywood e a falta de crença das crianças.

O repórter abriu um sorriso malicioso:

- Então vamos documentar esse momento!

No dia seguinte, os monstros esperavam pelos jornais. A Cuca se imaginava na capa, glamourosa. Quando o jornal chegou, pelas mãos furadas do Saci... nada de capa. Nem de contracapa. Só uma notinha bem pequena: "Congressistas vestem-se de seres do folclore nacional às vésperas do Halloween."

Triste, o Tutu constatou:

- As crianças não se assustam mais como antigamente!



véspera de mais um Halloween e...

- ... E nem nos convidaram, né, prima? – Riu-se a lara.

O Saci interveio:

- Sem brincadeirinhas, primas! O fato é que as crianças não têm mais medo da gente. Algumas sequer sabem que existimos...

O Mapinguari, com suas três bocas, esquentou-se:

- Ora, Saci, quem é você para reclamar? Um privilegiado! Seu Lobato te retratou. Eu que sou do Centro-Oeste nem apareço...

A lara completou:

- O fato é que as crianças não têm medo mais de nada. Açam que podem fazer o que querem e não vão ter castigo. Estão ficando mais capetas do que o Saci Pererê...

- E eu não admito concorrência

Um amor impossível: as cataratas do Iguaçu

Há uma luta sem trégua entre o Bem e o Mal na natureza, na história da tribo e na vida de cada Kaingang. Cada lado contabiliza vitória e derrotas, sem nunca conseguir assegurar a vitória definitiva de um sobre o outro. Mas os pajés Kaingang inventaram um estratagema para garantir a última palavra ao Bem, sem suprimir totalmente o Mal. Ei-lo:

A cada primavera, oferecem em casamento ao Mal a mais jovem da tribo. Ela não pode olhar para ninguém, nem deixar seu coração ser conquistado por algum pretendente. Assim, o Mal, satisfeito, modera sua maldade, enviando menos doenças às pessoas, menos tempestades às aldeias, menos pragas às plantações de milho e de mandioca e menos ataques de tribos inimigas. As jovens escolhidas aceitam até como um privilégio esse casamento sinistro, porque sabem que desta forma ajudam toda a tribo.

Num certo ano, a sorte caiu sobre Naipi, filha do grande cacique. Ela era especialmente bonita e cobiçada pelos mais elegantes guerreiros. Mas sabendo-se comprometida com o Mal, em benefício de todos se comportava com a maior discrição e indiferença.

Mais ainda, aguardava com ansiedade o dia do casamento. Os preparativos iam avançados e os convites para a festa tinham sido enviados a todas as aldeias da região.

Muitos convidados foram chegando e ajudavam na preparação dos alimentos: caça, peixes, frutas, legumes e cauí em abundância. Entre eles se encontrava Tarobá, valente guerreiro, de corpo esbelto, de rosto afável e de maneiras elegantes. Sobressaía tanto dos outros que chamou a atenção de Naipi. Os olhares se cruzaram e nasceu entre eles uma paixão avassaladora, que nem o Mal podia controlar.

Enquanto todos se atarefavam com os preparativos do casamento, eles secretamente se encontravam na margem do rio Iguaçu. Trocavam beijos e abraços. Faziam juras de amor eterno. E assim fizeram por três a quatro dias. Por fim, elaboraram juntos um plano de fuga para poderem viver o seu grande amor. Tarobá arranjará uma canoa veloz. Na véspera da grande festa, quando todos, certamente, já dormiriam de cansaço, fugiriam discretamente.

Mas o Mal, com seu grande poder, acompanhava e escutava tudo sem ser notado. Descobriu a traição e preparou



vingança. Esperou que os dois comessem a fuga pelo rio. E quando já estavam longe, felizes em sua canoa, porque tudo correria como haviam planejado, ouviram subitamente, um grande sibilar no céu. Viram o Mal, em forma de uma imensa serpente, torcendo-se no espaço e se lançando com toda força no meio do rio. O impacto foi tão grande que abriu uma enorme cratera no rio. As águas todas se precipitaram no buraco, carregando a frágil canoa. Formavam-se assim as cataratas do rio Iguaçu, fruto da fúria do Mal.

O Mal, para completar sua vingança, transformou Tarobá numa palmeira no alto das quedas e Naipi numa pedra no fundo das águas, na mesma direção de Tarobá. Assim, lá no seu lugar, no alto, Tarobá contempla sua amada sem nada poder fazer, nem sequer tocá-la.

Entretanto, mais forte que o Mal é o amor. Esse tem mil estratagemas para se perenizar. Por isso, quando sopra o minuano, o vento assobiante que vem do Sul sacudindo a copa da palmeira, Tarobá aproveita para enviar a Naipi sussuros de amor. E quando irrompe a primavera, lança flores de seu cacho para saudar amorosamente Naipi, escondida lá embaixo nas águas.

Naipi tem um véu de águas claras e frescas a lhe adornar a fronte e a lhe amenizar o calor de sua paixão por Tarobá.

Um detalhe, porém, escapou à fúria vingativa do Mal: o arco-íris, símbolo principal do Bem. De tempos em tempos, depois das grandes chuvas, forma-se, surpreendentemente, um arco-íris que une a palmeira com a pedra. É o momento do êxtase. Todas as energias se ativam e se interligam. Tarobá e Naipi se enlaçam e se entrelaçam em amor e paixão.

Pessoas especiais, amigas da natureza – os filhos e as filhas do arco-íris – contam que se pode notar, então, uma aura de luz devolvendo, por um momento, a forma humana a Tarobá, que virara palmeira, e a Naipi, que fora transformada em pedra. Eles, por curto instante que vale uma eternidade, se transformam em gente. Ouvem-se, então, sussurros e juras de amor sem fim.

E dizem que, ao desfazer-se lentamente o arco-íris, escutam-se lamúrias tristes como quem se despede com o coração partido, mas cheio de esperança, ansiando pelo próximo arco-íris. É Tarobá que volta a ser palmeira e é Naipi que vira, de novo, pedra dentro da água. Mas há fogo dentro deles, o fogo eterno do amor.